



Experimentações na escrita acadêmica entre filosofia e educação

POR ANELICE RIBETTO Y
JOSÉ VALTER PEREIRA

anelatina@gmail.com

valterfile@gmail.com

La pregunta es: en qué lengua?
Jorge Larrosa, 2006

Este ensaio é uma composição de fragmentos que expressam perguntas que me acompanham desde a escrita da minha dissertação de mestrado, da minha tese de doutorado e atualmente, como professora que escreve e que acompanha as escrituras de estudantes de graduação e de pós graduação em educação. Estes três territórios têm em comum a investigação da experiência educativa: aquilo que nos passa e nos transforma a partir da interrupção da mesmice com a chegada –sem aviso- do acontecimento, quer dizer, a experiência educativa como exercício de alteridade. Tendo, então, a possibilidade de alteridade como produção investigativa a pergunta que se instala como interrogante é como narrar este acontecimento? Não se trata, pois, de escrever sobre um tema, uma questão, um problema. Se trata de expor as travessias e implicações que o encontro e a emergência com o tema-questão-problema provoca em nós e o que nós fazemos com isso.

Escrever afirmando outras formas de produzir texto na academia. Assim, exponho “de um Fragmento ao Outro”¹ uma composição de perguntas entre a experiência e o escrever surgidas de uma conversa com um texto de Jorge Larrosa (2011), alguns rastros de textos da minha autoria escritos na passagem e compostos de cacos e a

¹ Inspirada no texto de Jean Baudrillard que leva esse título (São Paulo: Zouk, 2003)



possibilidade de pensar a experiência e sua escrita (no campo educacional) desde o mínimo e com restos para criar uma outra língua (na Língua)

I. Perguntas para escrever *na* experiência...

No ano de 2001, Jorge Larrosa participou do Congresso de Leitura e Escrita na Universidade de Campinas e apresentou para o campo da educação brasileira um texto que se voltaria uma interlocução preciosa para quem se demora e assume o conceito de experiência não só pela sua dimensão ligada às práticas e às vivências, mas pela sua possibilidade de se transformar em uma palavra-conceito que ajude a problematizar os sentidos de habitar este campo *desde* a experiência. O texto referido é “Notas sobre a experiência e o Saber da Experiência” (2001) e nele se tece uma frase reiteradamente citada nos textos acadêmicos “*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca*” (p.21)

Nos passa...

Nos acontece...

Nos toca...

Não se trata de escrever *sobre*, mas de escrever *na*. Escrever na experiência. O próprio Larrosa, dez anos após aquele primeiro texto, publica um artigo chamado “Experiência e alteridade em Educação” (2011) no qual aborda a experiência e desde a experiência oferecendo um exercício-possibilidade de pensamento da educação a partir da demora amorosa nesta palavra-conceito. É com este texto que tentarei uma aproximação para entrar em uma conversa com as várias dimensões da experiência apresentadas pelo autor. Larrosa chama estas dimensões de princípios da experiência: princípio de exterioridade, de alteridade e alienação; princípio de reflexividade, subjetividade e transformação e, princípio de passagem e paixão. O desejo deste fragmento é fazer ecoar, fazer reverberar, fazer vibrar essas forças expressivas apresentadas por Larrosa com a própria experiência de escrever a experiência no plano educacional: escrever a experiência como experiência. Desde a experiência. Contar o que nos passa. Narrar o que nos acontece. Escrever o que nos toca (na educação)



Nos passa...

Nos acontece.

Nos toca... e escrever...

O *principio da exterioridade, da alteridade e da alienação* coloca como problema o “isso” da experiência considerada como “isso que me passa” e supõe para Larrosa a irrupção do acontecimento: para padecer uma experiência como tal é necessário a interrupção e a chegada de alguma coisa que passa por mim, mas que não pode ser por mim controlada, nem provocada. Que passa por mim, mas que não sou eu: “*algo completamente outro, radicalmente outro*” (p.6). Como deslocar essa dimensão da experiência para pensar a sua escrita na educação? Escrever desde a experiência teria então a ver com a (im)possibilidade de dizer alguma coisa que é da ordem do indizível? De escrever alguma coisa que é da ordem do in-escrevível? É possível dizer e escrever o acontecimento na educação sem capturá-lo e aprisioná-lo na representação e na significação? Como preservar a dimensão da exterioridade? Como o acontecimento pode ser mantido na sua irreducibilidade, sem que seja interiorizado? Como narrar o acontecimento que nos passa sem reduzi-lo a uma descrição replicada *do que de fato passa*? Talvez inventando uma outra língua? Uma língua na qual possamos dar outros sentidos que não sejam os já significados e codificados para aquilo que vivemos no campo educacional?

No *principio da reflexividade, subjetividade e transformação* Larrosa se pergunta pelo “me” de “isso que me passa”. Para que algo me toque, para que alguma coisa me passe é necessária a irrupção de alguma coisa estranha a mim, mas que passe *em mim* (p.6) que me afete produzindo – em mim - efeitos. Quer dizer que a experiência é sempre a experiência subjetiva, mas que para que ela se singularize como tal necessita ser padecida em um sujeito disponível e por isso exposto para a transformação daquilo que se está sendo. Como afirmar uma escrita singular do que não se previa, do que não se esperava, daquilo com o que não se sabe lidar em espaços reservados para uma escrita que se impõe pela sua pretensa universalidade, objetividade e generalização como formas de aplanamento da diferença? Quais as possibilidades de abertura para a



experiência e criação em espaços (controlados, conjurados dos perigos do que não se sabe) que já têm um tempo estipulado para apresentação de textos, que tem um número de caracteres definidos, uma série de capítulos e sub-títulos a serem seguidos, uma oferta reduzida e codificada de modos de fazer? Como fugir deste controle pela afirmação? Radicalizando na singularização da escrita? Compondo um estilo com os efeitos, estilhaços, lampejos do que nos afeta? Um estilo minoritário que resista à generalização?

Finalmente, Larrosa apresenta o *principio da passagem e da paixão* no qual problematiza o “passa” do “isso que me passa” como lugar de passo, de passagem entre o “isso” e o “me” e que ao passar deixa marca e rastro no sujeito que a padece passionalmente (p.8). Como escrever na passagem? Como dizer o indizível do padecimento? Como garantir firmeza, certeza, objetividade e distanciamento na paixão? Compondo uma expressão apenas na sua transitoriedade? Desamarrando a escrita da sua pretensa fixação memorialística e de registro no tempo e no espaço e inventando um outro sentido que expresse o padecimento da processualidade? Qual é a continuidade na passagem? É apenas uma impossibilidade? Ou, podemos pensar em escrever a descontinuidade na descontinuidade. Descontinuidade como “*um pensamento da educação que perturbe o esquema da totalização temporal de corte humanista (...) que subjaz às formas dominantes demasiado seguras e asseguradas da história (...) um pensamento que se encarregue do irremediável do tempo*” (LARROSA, 2001, p.285) Porque a vida não acontece dessa forma! a vida é descontinuidade!

Escrever, também, o irremediável da paixão: ela chega e sacode as formas do entendimento apenas racional. Ela se sofre, se padece, pois “*o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele (...) ele não está em si, no próprio, na possessão de si mesmo, no autodomínio (...) cativado pelo alheio, transtornado...*” (LARROSA, 2004, p.164-165) Como produzir uma escrita que expresse o transtorno, a falta de palavras, o excesso de delírio, a possibilidade da perda da razão?

Escrever apaixonadamente. Na passagem.

Escrever passando? Passar e escrever.



II. Experimentações de uma escrita na passagem da língua e de uma escrita composta de cacos

No percurso do meu Mestrado em Educação escrevi um texto que chamei *Das diferenças e outros demônios: o realismo mágico da alteridade na educação*² (RIBETTO, 2011) Nele há uma preocupação central com a escrita como processualidade que encarna, na sua expressão, as forças e linhas que compõem uma pesquisa. O texto-investigação tenta colocar radicalmente algumas narrativas e perguntas sobre as maneiras em que negociamos diferentes lógicas, línguas e sentidos do mundo nos encontros cotidianos escolares na diferença. Estas narrativas questionam fundamentalmente as posturas pedagógicas, políticas e estéticas que reservam um lugar consagrado de poder-saber a uma única lógica da mesmidade que hospeda hostilmente³ os chamados *outros*. Esta hospitalidade hostil tem lugar em múltiplos e diferentes espaços-tempos escolares e aparece como marca de políticas de tolerância, mas não de afirmação das múltiplas e irreduzíveis maneiras de pensar e viver o mundo. Aparece, muitas vezes, travestida com a fantasia multicolorida da inclusão escolar.

Tratava-se de trazer as experiências decorrentes de alguns acontecimentos que irromperam minha tranquilidade profissional dentro de uma escola especial. Decidi contar as experiências a partir de oito passagens e, neles, ensaiar *uma* escrita *em* passagem: uma escrita que trouxesse uma experiência singular de afirmação da diferença nos espaços escolares a partir da assunção de alguns problemas que ajudaram a manter vivas as perguntas que moviam minha investigação. Aqui, os problemas e perguntas foram tratados como “demônios” e foram eles os que nos apresentaram o campo problemático.⁴ Relendo, encontro na passagem da

² Realizei meus estudos de Mestrado em Educação na Universidade Federal Fluminense entre 2004 e 2006 e embora o texto tenha sido produzido neste período as citações do mesmo neste ensaio serão de 2011, data em que foi publicado pela Ponto da Cultura Editora;

³ Conceito trabalhado a partir dos estudos de J. Derrida

⁴ Passagem pelos (sem) sentidos e seus demônios;
Passagem pelos demônios da conversa e da experiência;
Passagem pelos demônios inomináveis;
Passagem pelo ingovernável e seus demônios;
Passagem pela multiplicidade da língua e seus demônios;
Passagem pelos rizomas e seus demônios;



multiplicidade da língua e dos rizomas uma materialização da discussão que encharca a escrita-investigação toda e a pergunta larrosiana *em que língua vamos a contar o que nos passa na educação?* ecoa novamente. A passagem da multiplicidade da língua trata-se de uma afirmação quase que desesperada da necessidade de pensar esta pergunta: tinha dois anos morando no Brasil e minha escrita revelava esse lugar de fronteira que é fortemente interdito numa escrita acadêmica majoritária e tinha assumido a discussão da alteridade e das diferenças como tema. Como não colocar embaixo do tapete aquilo que emergia com a minha língua? – o incomodo, a confusão, o esforço necessário, o suportar o gaguejo. Só escrevendo, dando a ler a processualidade desta experiência:

Por uma questão - escolha política o campo de confluência no qual desenvolvo minha pesquisa na UFF tem o critério a orientação coletiva como espaço-tempo onde tentamos *conversar* sobre os sentidos das coisas que nos passam nas nossas pesquisas no cotidiano. Isso é algo no que eu acredito. Nesta parte do meu ensaio me interessa colocar as maneiras em que minha primeira versão do texto chamado *"Hilos"* foi se apresentado na primeira orientação coletiva –com a presença de todos, as professoras do campo e a maioria dos meus colegas. As maneiras em que foi sendo falado, foi recebendo ou não a entrada dos outros e, demandando certa disponibilidade à exposição e responsabilidade. Ou seja, como um texto que tenta falar sobre as relações nas diferenças e a alteridade na educação, desafia-nos a uma atividade de orientação coletiva onde as problemáticas que são levantadas pela vivência desse momento, são, de alguma maneira as que estão sendo colocadas através das noções que atravessam a escrita. Quero dizer, interessa-me falar dos processos de *metacomunicação* que talvez se dispararam, não como um mero conjunto de conceitos cristalizados, mas, como *cutucadas* para conversar...

Escrevi em português. Escrevi em *portuñol*. Mas sobretudo, escrevi na minha língua, o espanhol. Um texto escrito em espanhol, no espaço-tempo onde estudo funciona de alguma maneira como alteridade linguística. Esse texto se abre na tela do computador de cada um dos meus colegas e a maioria deles comenta o desconcerto e a primeira sensação de estranhamento que isso provoca: João Batista me ajuda com sua metáfora quando expressa *"quando eu vi que o texto da Ane estava em espanhol, me gelei"*, imediatamente lembrei dos acontecimentos que me ocorreram quando vim morar no Brasil. Meu sogro, seu Alfredo, é um nordestino do sertão baiano de 87 anos que migrou para o *Sul maravilhoso* num pau-de-arara. Ele poderia ser um estrangeiro na sua própria língua, e essa característica constitui *"uma diferença política, não simplesmente uma diferença formal, textual ou linguística"* (SKLIAR, 2001, p. 98). Ele me ajuda a pensar na multiplicidade que nos forma e nas diferentes lógicas com as que os



seres humanos podem *serpensar* o mundo. Seu Alfredo não só fala português, aliás, fala português de Brasil, e fala com todo o sotaque do sertão baiano. Ele leva mais de quarenta anos morando em Belford Roxo, Baixada Fluminense, periferia carioca. Eu acho que encarna aquela “*condición babélica de la lengua*” à que LARROSA (2004) se refere quando coloca a tradução como algo inerente à condição humana e a qualquer forma de relação intersubjetiva “*a condição babélica da língua não significa somente a diferença entre as línguas, mas a irrupção da multiplicidade da língua na língua, em qualquer língua*” (p.70) Morria de curiosidade acerca da forma em que íamos nos comunicarmos, já que eu estava balbuciando com sotaque de Córdoba, as primeiras frases em *portuñol*; meu companheiro ligou para ele e puxando a conversa perguntou / desafiou-o sobre como pensava que íamos nos entender quando nos encontrássemos. Seu Alfredo respondeu: -“*Oxe [oxente] rapaz, o que você está achando... isso não é problema... a gente se encontra e logo, logo, se dá a mão ... aí está tudo dito... um já sabe como é... não tem que dizer mais nada*”-

“*Aí está tudo dito*”, “*aí*”, “*aí*” me repito ainda. Onde fica esse “*aí*”? No aperto das mãos? No calor das mãos? Na textura das mãos? No espaço vazio e cheio entre as mãos? Acho que “*Aí*” não tem tradução em outra língua que não seja essa... estranha... sem lugar que possa se nomear ... de um tempo efêmero. Contar essa experiência apenas pode ser contada no “*aí*”, no entre...

Minha mãe veio me visitar no Rio pela primeira vez no ano passado. Por causa de uma série de acontecimentos, ela passou as duas semanas percorrendo os hospitais cariocas em lugar de tomar o sol de Copacabana. Nas duas semanas que estive no Brasil não aprendeu uma palavra em português. Quando alguém falava com ela, desesperadamente, buscava a ajuda de um intérprete. No momento de voltar para a Argentina, estávamos na fila do check-in quando uma funcionária da Aerolíneas Argentinas disse olhando para ela, em perfeito e amável espanhol “-*Señora, por favor, usted tiene que llenar la ficha de migraciones*”. Ela, com cara de espanto, virou-se buscando os olhos de um tradutor. Olhei para ela sem acreditar o que estava vendo, então ela me disse “-*Ane... no entiendo qué me está diciendo... ¿qué me dijo?*”

Acredito que isso é, de alguma maneira, algo do que acontece quando as pessoas que *naturalmente* habitamos *uma mesma* língua que é *nossa* e é *própria*, que nos constitui como sujeitos e que criamos como representação do mundo, deparamo-nos com o dever de *compreender* outra língua, mas, *compreender com nossa, própria e mesma lógica*, e não a do outro; compreender para “*converter o distante em próximo, o estranho em familiar, o outro no mesmo*” (LARROSA, 2004, p.74) e não dispostos a perder o próprio domínio da situação e nos sentirmos um pouco, pelo menos algumas horas, estrangeiros, exilados. Perder a mesmice e sentir na carne que “*...la traducibilidad, a veces, es la aproximación a la muerte de dos lenguas, la original y su copia. Si se ha de considerar el texto original como un cadáver de otro tiempo, entonces su traducción será el cadáver de este tiempo. Por eso, duele la traducción y duele el original*” (SKLIAR, 2004, p.129)” (RIBETTO, 2011, p.103 a 108)



Como escrever o “ai” do seu Alfredo? Como escrever o “entre” senão entrando nele e desde aí, em portunhol, ensaiar essa escrita? Entendo, é claro, que a pergunta pela língua não é uma pergunta pelo idioma, mas uma atitude ética, estética e política que enfrenta o aplainamento das diferenças, a necessidade de evitar que uma língua fria submeta a todos a uma mesma expressão. *“Una especie de lengua de nadie, una lengua neutra y neutralizada de la que se ha borrado cualquier marca subjetiva (...) una lengua sin sujeto sólo puede ser la lengua de unos sujetos sin lengua”* (LARROSA, 2006, p.27)

Então, em que língua?

A pergunta pela língua instala irreduzivelmente a pergunta pela dimensão de passagem da escrita como experiência, pois *“el problema no es solo lo que decimos y qué es lo que podemos decir, sino también, y sobre todo, cómo lo decimos: el modo como distintas maneras de decir nos ponen en distintas relaciones con el mundo, con nosotros mismos y con los otros”* (LARROSA, op.cit, p. 26)

Este modo de estar no mundo – na universidade, por exemplo - foi aquilo que problematizei entre 2007 e 2009 quando cursei meus estudos de Doutorado em Educação⁵ radicalizando na produção de uma escrita em fragmentos que assumiu o ensaio como possibilidade metodológica.⁶ Entrei no doutorado querendo estudar o riso na escola como expressão desmoralizadora do oficial e fui experimentando a rugosidade e a impossibilidade de escrever sobre os acontecimentos risíveis, pois, eles perdiam essa dimensão de desmoralização no momento que eram capturados pela lógica escriturística. Passei então a tratar o riso e o risível na sua minoridade e desloquei o conceito deleuzequattarriano de “literatura menor” para pensar os saberes menores na escola: saberes do riso, do grotesco, do mórbido, do sensual, do onírico. Estava nesta empreitada conceitual quando um encontro com a obra do artista Gabriel dos Santos me deslocou completamente da linha que estava traçando, funcionando

⁵ Realizei meus estudos de doutoramento em educação na Universidade Federal Fluminense produzindo a escrita-pesquisa “Experimentar a Pesquisa em Educação e Ensaio a sua Escrita”

⁶ Tratei em outros textos sobre essa reivindicação do ensaístico como escrita da experiência. Ver: RIBETTO, Anelice. O ensaio –uma (outra) possibilidade de pensar e escrever na educação. IN: ARAÚJO, M. e MORAIS, J. Vozes da Educação: formação de professores, narrativas, políticas e memórias. RJ: EDUERJ, 2012;



talvez, o encontro com a obra, como a dimensão de alteridade que apresentei da mão de Jorge Larrosa no primeiro fragmento deste ensaio:

Gabriel Joaquim dos Santos, seu Gabriel, entrou na minha vida quando assisti, pela primeira vez, ao documentário do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho chamado “*O fio da Memória*”.

Lembro-me de ter ficado muito surpresa, não só pela história que ele conta, a história do povo negro do Brasil, ao comemorarem os 100 anos da abolição - mas pela obra que Coutinho mostra na medida em que o narrador conta: a “*Casa da flor*”⁷ A fala vem de um depoimento gravado no final dos anos 1970 e dos cadernos de assentamentos em que Gabriel anotava alternadamente fatos do cotidiano, da história da região e da história do Brasil desde que, em 1926, depois de entrar para a igreja Batista, conheceu *um menino bem sabido* que lhe ensinou *alguma coisa de leitura e escritura, numa cartilha de criança*. Ele não se limita aos dados e informações precisas e objetivas. Fala de tudo. A informação mais importante que passa para quem assiste ao documentário vem da sua maneira de falar, de articular essa fala, de saltar de um fato para outro, de compor um texto fragmentado. Cada vez que assisto ao documentário sinto que é Gabriel,

como narrador, quem vai tecendo o mapa da criação do próprio filme.

Talvez, Coutinho tenha percebido na vida desse narrador, em seu jeito de falar e de fazer as coisas, uma *imagem precisa da condição imprecisa do negro brasileiro, que teve que criar seus espaços quase à margem do país* (AVELAR, 2003) assim como seu Gabriel construiu

sua Casa da Flor com pedaços de qualquer coisa apanhada no lixo e Disse: *Quando acabei a obra da casinha, aí veio um pensamento para enfeitar essa casinha. Enfeitar de que maneira, pensei? A gente não tinha dinheiro para comprar certas coisas, então imaginei de apanhar aqueles caquinhos de louça do lixo. Apanhar caco de vidro, fazer aquelas florzinhas de vidro para pegar na parede da casa para enfeitar. Veio aquela coisa na mente. Só apanhar os cacos, resto das grandes obras da cidade* (fala de seu Gabriel no “*Fio da memória*”, 1991) (p.71 a 81) Com cimento barato e achado nas calçadas, molda datas e escreve nomes e fatos históricos. Aquilo que é considerado como imprestável, estragado, inútil, feio é transformado em matéria de primeira qualidade no próprio processo criativo (...) Uma composição inesperada e não planejada de fragmentos de diversas proveniências, texturas, cores, formas... Nas flores que ele cria, uma pétala pode ser de telha, outra de caco de louça, outra de vidro. Seu saber, sua arte, seu gesto resiste justamente na dimensão do acaso, do resultado, sempre inesperado (RIBETTO, A., 2009, 106-107)

Poderia ele me ajudar a pensar uma forma de fazer e de escrever a pesquisa a partir de fragmentos? Compor uma obra – um texto - de fragmentos – cacos - achados na

⁷ Para saber mais sobre a Casa da Flor: www.casadaflor.org.br



processualidade da criação da obra? Qual relação poderia ser escrita entre cacos já que a escrita majoritária acadêmica cobra uma linearidade que vai do mais simples ao mais complexo, coloca pré-requisitos à construção de conhecimentos, apresenta o plano teórico separado e antes do plano empírico? E os cacos?

Uma escrita – minha escrita - que, como a Casa da Flor, aposta no fragmento e no caco. Seu Gabriel não só me permitiu o movimento de pensar coisas impensáveis até o momento do encontro, mas também me regalou a possibilidade de sentir-me naquilo que, da obra dele, resoa em mim: As possibilidades metodológicas, políticas, éticas, estéticas de uma pesquisa em educação feita nos acontecimentos, com restos, com cacos, com mínimos gestos, reivindicando a possibilidade do menor, do mínimo, do efêmero, do inútil e, que, no mesmo movimento, se propus a falar da potência do mínimo na educação. Mas, para além disto, e tão potente como os cacos: a abertura para achar alguma coisa, qualquer coisa. A sua disponibilidade e atenção para o que possa aparecer mostra uma condição fundamental à escrita-experiência: a suportabilidade da abertura para o que possa vir sem representação (como expectativa previa) e um regime de atenção quase que flutuante contraposto a ideia de construção de uma atenção em foco e recortada da escrita-investigação tão presente nas lógicas majoritárias acadêmicas. Seu Gabriel sai em busca de qualquer achado e suporta, padece, um grau de abertura maximizado ao que possa vir.

A atitude de Seu Gabriel, de criar um mundo possível, de materializar um saber outro que dê sentidos a sua forma de se dizer sujeito no mundo foi sacudida pelo sonho. Assim como Michel Foucault, ao ler o conto de Jorge Luis Borges foi sacudido pelo riso que o colocou no lugar do não saber e a partir desse deslocamento produzido escreve e cria “As palavras e as coisas”, seu Gabriel foi sacudido pela visão do sonho que o colocou no lugar do não saber e a partir desse não saber constrói, cria, constrói, cria “A casa da flor”.

Eu fui sacudida pela sua obra: escrever sem prescrições, mergulhando, para além do registro do conhecimento, do que sei e do reconhecimento do mesmo, desbordando nas bordas, fazendo explodir o registro descritivo para denunciar seus paradoxos, nunca



desde fora, senão desde o corpo mesmo da educação sem falsas expectativas de futuro, mas com a atenção no presente. Em outra língua. Sempre provisória. Sempre na passagem. Língua que se faz força expressiva na composição dos fragmentos-cacos que achamos a partir de encontros.

Língua, talvez, feita de restos. De minúcias.

III. A escrita nos restos e com restos

Venho acompanhando a escrita de Carlos Skliar desde o ano 2000. Mas são seus textos desde 2005⁸ que tem-me tocado para pensar uma escrita de restos como escrita na experiência. É uma escrita minoritária feita apenas com aquilo que “*merece quedar escrito*” (MOREY, Miguel, 2007, p.317) que Carlos nos dá a ler uma “*literatura mestiza, que integra y reformula el poema en prosa, la nota diarística, la reflexión filosófica, el aforismo o el microrrelato*”⁹ e arrisco a pensar que é aí, nessa demora do mínimo como potencia expressiva do (im)possível que podemos inventar, talvez, uma outra língua... na educação. Uma escrita mínima e feita com restos.

Apostar no mínimo é uma escolha pelo abandono das narrações e descrições de grandes fatos heroicos que habitualmente nos contam os grandes projetos políticos pedagógicos, as inovadoras reformas educacionais, as heroicas práticas de super professores engajados, etc; pois essa é uma narração que opera na produção de uma língua que não acolhe o gaguejar das línguas dos sujeitos que praticam a educação cotidianamente e a praticam inscrevendo nos seus corpos a experiência de replicação mas também de fuga dos modelos dados a priori. Por isso a pergunta que volta e reverbera ao longo desde ensaio é a pergunta do prefácio: em que língua vamos contar o que nos passa?

⁸ Especialmente os livros: *Lo dicho, lo escrito, lo ignorado. Ensayos Mínimos sobre Educación, Filosofía y Literatura* (Bs.As.: Miño y Dávila, 2011); *Voz apenas* (Bs.As.: Dock, 2011); *Experiências com a palavra* (RJ: WAK, 2012); *No tienen prisa las palabras* (Barcelona: Candaya, 2012) e *Hablar con desconocidos* (Barcelona: Candaya, 2014)

⁹ Escrito publicado em

<https://www.facebook.com/EdCandaya/photos/a.534887483192352.139870.190263380988099/848473578500406/?type=1&theater>



Arrisco dizer, apenas como possibilidade, que escreveremos o que nos passa na educação com os restos, como seu Gabriel constrói sua casa da flor: com os cacos que são efeitos dos encontros (alguns planejados, outros imprevisíveis, alguns procurados, outros achados, etc) Compondo a obra pelos encontros. Mas a obra é uma obra da solidão. Reivindicar o encontro como aquilo que enche nossa atividade de escrever é assumir a solidão da escritura, mas como uma *“solidão extremadamente povoada de encontros (...) e encontrar é descobrir, roubar (...) para pensar pensamentos que ainda não foram pensados”* (DELEUZE e PARNET, 2004, P.19). Apostar na escrita com restos dos encontros pode ser uma aposta pela escrita como exercício de alteridade. Encontros entre desconhecidos (SKLIAR, 2014)

Escrever nos restos e com restos implicaria sempre um exercício de exposição do limite: nos restos como o espaço da solidão da produção estética, espaço este estranho aos grandes monumentos escriturísticos e ligado a criação de ruínas com a língua. Ruínas linguísticas do jeito que o poeta Manoel de Barros¹⁰ nos ensina na construção do cisco que é composto de materiais que se tornam inservíveis para o mundo da grande produção: o cisco, como a escrita-experiência se compõe apenas como esse *aglomerado que se iguala a restos*.

Escrever com restos nos restos possibilita escrever o mínimo: fazendo-escrevendo o múltiplo na sua radical simplicidade.

Cacos vidas. Cacos vividos... fragmentos mínimos... Sobras e restos podem ser acionados e atualizados organicamente com ligas que componham tramas de sentidos múltiplos. Histórias roubadas que ainda não foram escritas, mas inscritas em louças, cimentos, esmaltes, páginas, fotografias, restos de edifícios, madeiras... Esse pedaço de louça vem de onde? Que época representa? Quem lavava? Como era lugar de comer com essa louça? Quais teriam sido os rituais de alimentação dos donos? Será que essa louça alguma vez teve o sentido do uso para o qual ela foi ideada? Essa louça estará tendo o sentido de ser agora, antes, quando? E esse vidro, de que garrafa? Que histórias de amor

¹⁰ IN: DE BARROS, Manuel. Tratado geral das grandezas do ínfimo. Rio de Janeiro: Record, 2001;



se abafaram nela? E esse livro? Qual a história dessa marca na pagina nove? Qual foi o preço pagado por ele? O escritor do livro escrevia em uma mesa de madeira? Madeira de que árvore? Esses restos são resultados de que espoliações, de quanto suor e lágrimas de trabalhadores?

A escrita da experiência, nos restos e mínima, pode possibilitar a explosão dos sentidos e a criação de uma outra língua (na língua). Como seu Alfredo, criar o “ai” como espaço presente-invisível do encontro entre duas mãos. Como Seu Gabriel, criar luminárias feitas flores com lâmpadas que já não alumiam e fazer gaguejar a língua “*extrair daí gritos, clamores, alturas, durações, timbres, acentos, intensidades*” (DELUZE e GUATARRI, 2011, p.53)

Criar uma outra língua (na língua).

E escrever.



Bibliografía

DELEUZE, G. e GUATARRI, F. *Mil Platôs*. Vol.2. São Paulo: Editora 34, 2011;

DELEUZE, G. e PARNET, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o Saber da experiência (2001) IN:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf> Acesso em 19/04/2014.

LARROSA, Jorge. Dar a palavra: notas para uma dialógica da transmissão. IN: LARROSA, J. e SKLIAR, C. (orgs.) *Habitantes de Babel: política e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. Experiência e Paixão. IN: LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. IN: *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul./dez. 2011.

LARROSA, Jorge. Una lengua para la conversación. IN: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (orgs) *Entre Pedagogía y Literatura*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2006.

MOREY, Miguel. *Pequeñas Doctrinas de la Soledad*. México: Ed. Sexto Piso S.A. de C.V., 2007.

RIBETTO, Anelice. *Experimentar a pesquisa em Educação e Ensaiar a sua Escrita*. Tese de Doutorado em Educação. Niterói: UFF, 2009.

RIBETTO, Anelice. *Das Diferenças e Outros Demônios. O realismo mágico da alteridade na Educação*. Maricá: Ponto da Cultura, 2011.

RODIGUEZ COURT, Elisa. Carlos Skliar. 2014. IN:
<http://www.laprovincia.es/opinion/2014/04/14/carlos-skliar/602379.html> Acesso em 20/04/2014